

Dr. Brasília

Roteiro para o constituinte

LETÍCIA BORGES
e VALÉRIA FERNANDES

BRASÍLIA — Bem-vindos, senhores constituintes, à capital do País. A terra é plana e árida, mas as flores desabrocham o ano inteiro e a vida de um parlamentar, de um lobista ou de um alto funcionário do Governo, pode até ser muito divertida, nas noites de festas e bares, de segunda a quinta-feira.

Não esqueçam os óculos escuros, porque a claridade do Planalto, aliada ao clima seco — às vezes tão seco quanto o deserto do Saara, com 11 por cento de umidade — provoca pés de galinha em volta dos olhos e um irremediável envelhecimento precoce.

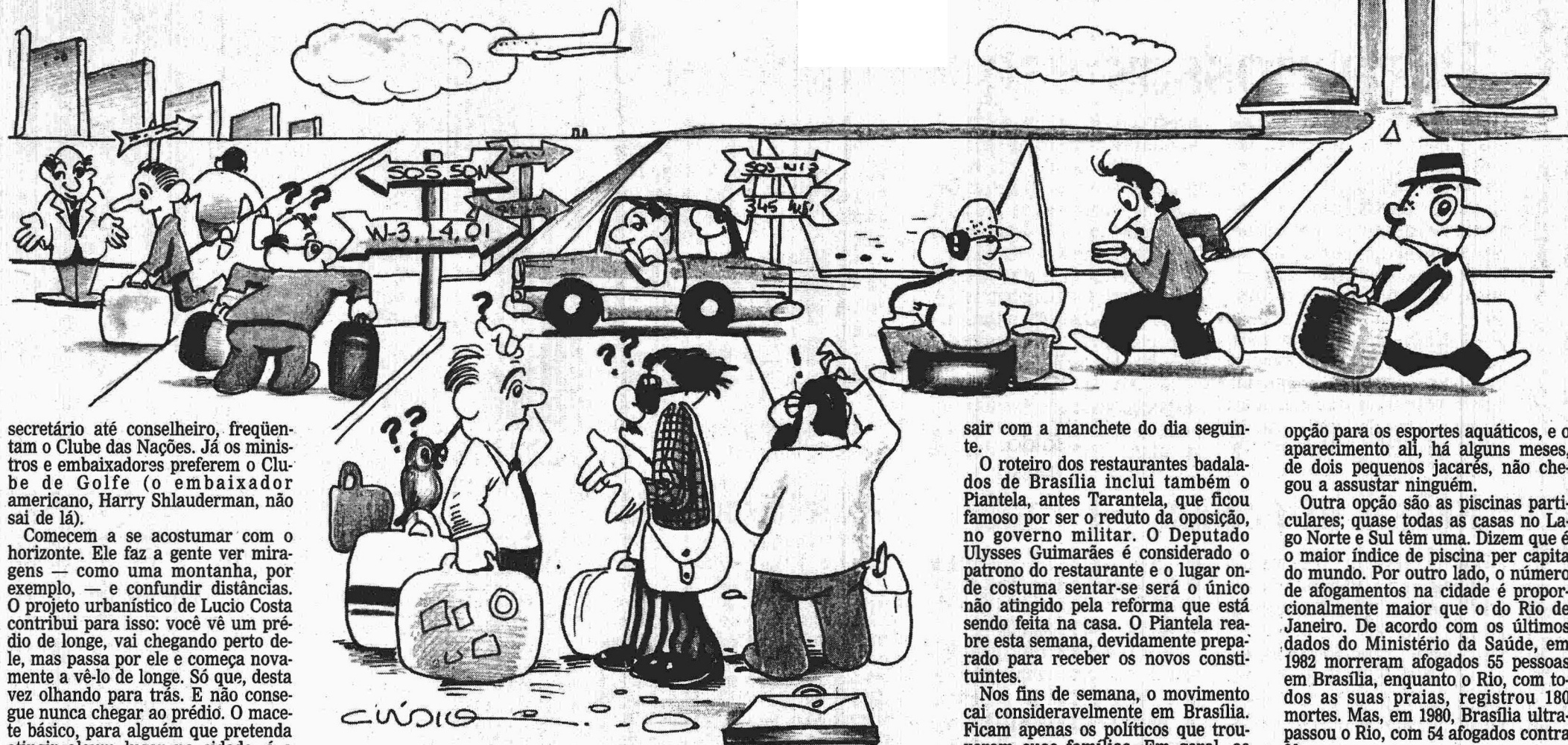
No aeroporto, fiquem muito atentos e tratem bem os funcionários. E dos lugares mais freqüentados e importantes da cidade e ali pode ser mais fácil conseguir uma audiência com o Presidente José Sarney do que um lugar num vôo de sexta-feira para o Rio de Janeiro ou para o Nordeste.

O trânsito da cidade é dos melhores, principalmente para quem vem do Rio ou de São Paulo. O duro é descobrir o "caminho das pedras" (ou, em linguagem mais corrente, "o mapa da mina") nos primeiros três meses. Mas os senhores e senhoras constituintes não precisam se preocupar com isso logo ao desembarcar.

Na porta do aeroporto, estarão sempre a esperá-los os carros do Congresso. É a primeira mordomia do Poder, em Brasília. Cada senador tem um carro com motorista à sua disposição: os opalas pretos. Os deputados, membros da mesa, líderes de bancadas, presidentes de comissões e de partidos também têm direito a carro particular. Os que sobram terão de dividir os 30 chevrolets azuis da Câmara.

Todos os parlamentares recebem, incorporado ao salário, um auxílio-transporte, mas os mais controlados podem fazer uma boa economia utilizando os micro-ônibus da Câmara, que passam a cada 15 minutos em determinadas quadras.

Vale observar que em Brasília deputado mora em quadra de deputado, senador vive em quadra de senador, diplomata em quadra de diplomata, militar em quadra de militar e assim por diante. Da mesma forma, militar da Aeronáutica só freqüenta o Clube da Aeronáutica; os do Exército, o Clube do Exército; e os da Marinha, o Clube Naval. Mas isso não acontece só com os militares. Os diplomatas brasileiros ou estrangeiros de posto mais baixo, de



secretário até conselheiro, freqüentam o Clube das Nações. Já os ministros e embaixadores preferem o Clube de Golfe (o embaixador americano, Harry Shlauderman, não sai de lá).

Comecem a se acostumar com o horizonte. Ele faz a gente ver miragens — como uma montanha, por exemplo, — e confundir distâncias. O projeto urbanístico de Lucio Costa contribui para isso: você vê um prédio de longe, vai chegando perto dele, mas passa por ele e começa novamente a vê-lo de longe. Só que, desta vez olhando para trás. E não consegue nunca chegar ao prédio. O maceite básico, para alguém que pretenda atingir algum lugar na cidade, é o seguinte: se o seu objetivo fica do lado direito, vire no primeiro acesso à esquerda.

Não tente, no entanto, fazer qualquer trajeto a pé. Brasília é, como se costuma dizer, "uma cidade sobre rodas". Por conta disso, pedestre não tem vez. Os que tentaram, tiveram a oportunidade de constatar, segundo as estatísticas do Detran, em 1985 Brasília registrou um acidente a cada 20 minutos, uma vítima a cada duas horas, um atropelamento a cada seis horas, e uma morte a cada 24 horas.

Os endereços de Brasília também são diferentes do resto do País. Aqui, não é preciso decorar nomes de ruas, basta decorar as letras ou as siglas: SHIS, SHIN, SQS, SQN, W-3, L-4, QL, QI, SCS e assim por diante. Parece complicado mas, com o tempo — algum tempo — todos aprendem que SHIS quer dizer Setor de Habitações Individuais Sul ou, simplesmente, como é mais conhecido, Lago Sul; QL é quadra do lago e QI é quadra

interna; W-3 é um dos eixos "west" (oeste) e L-4 é um dos eixos leste, ambos cortando a cidade. Não é fácil? A cidade é como uma rosa dos ventos, só que bilingue.

O que você, novo na cidade acha que é Agarran? Gíria? Nome de uma das centenas de bandas de rock de Brasília? Quem sabe uma joalheria? Não, Agarran é como se pronuncia uma das muitas siglas locais. Quer dizer Hospital Regional da Asa Norte, HRAN.

Por falar em hospitais, ficou célebre a frase atribuída ao Deputado Magalhães Pinto: "o melhor hospital de Brasília é a Ponte Aérea". Por mais que as autoridades locais tentem desfazer esta imagem, ainda é forte a lembrança da agonia e morte do Presidente Tancredo Neves.

Outro comentário comum sobre Brasília é que a cidade não tem esquinas nem botequins. Mas não é verdade. Pode não ter esquina, mas

tem botequim em grande quantidade e para todos os gostos. A prova disso é que 65 por cento da população bebem, seja nos bares, festas ou nas casas dos amigos. Uísque, nunca falta, até porque os fornecedores, muitas vezes, são funcionários do Governo, que se valem das viagens de trabalho ao exterior para comprar a bebida. Deve-se considerar, também, que a grande concentração de embaixadas favorece esse comércio. O câmbio de moeda estrangeira na cidade, pelos mesmos motivos, é muito intenso e facilitado.

Bares, restaurantes e festas não são apenas oportunidades para o lazer, na Capital Federal. Decisões importantes podem ser tomadas num encontro casual entre ministros, parlamentares e empresários, a uma mesa do "Florentino", parada obrigatória de quem está por dentro do Poder. De lá, ajudado pela informalidade do ambiente, o jornalista pode

sair com a manchete do dia seguinte.

O roteiro dos restaurantes badalados de Brasília inclui também o Piantela, antes Tarantela, que ficou famoso por ser o reduto da oposição, no governo militar. O Deputado Ulysses Guimarães é considerado o patrono do restaurante e o lugar onde costuma sentar-se será o único não atingido pela reforma que está sendo feita na casa. O Piantela reabre esta semana, devidamente preparado para receber os novos constituintes.

Nos fins de semana, o movimento cai consideravelmente em Brasília. Ficam apenas os políticos que trouxeram suas famílias. Em geral, as crianças se adaptam bem, há uma área de lazer em cada quadra residencial. Existem várias opções, sem que se precise partir, como está numa piada corrente, para o programa que fez, com seus filhos, o Ministro Chefe da Casa Civil, Marco Maciel. Acostumados a verem seu pai só no "Jornal Nacional", os filhos do Ministro exigiram um passeio com ele no fim de semana. E foram levadas para visitar o Museu da Imprensa Nacional.

Em vez disso, a visita poderia ter sido, por exemplo, ao bem conservado Jardim Zoológico, que ficou tristemente famoso pelo fosso das aranhas, onde morreu um sargento do Exército — ele pulou lá dentro para salvar uma criança que caíra ali.

Há ainda um Parque da Cidade, em Brasília, com sua piscina de ondas, quadras de esporte, e áreas para piquenique. O Lago Paranoá, à margem do qual ficam praticamente todos os clubes da cidade (lotados, nos fins de semana), é uma ótima

opção para os esportes aquáticos, e o aparecimento ali, há alguns meses, de dois pequenos jacarés, não chegou a assustar ninguém.

Outra opção são as piscinas particulares; quase todas as casas no Lago Norte e Sul têm uma. Dizem que é o maior índice de piscina per capita do mundo. Por outro lado, o número de afogamentos na cidade é proporcionalmente maior que o do Rio de Janeiro. De acordo com os últimos dados do Ministério da Saúde, em 1982 morreram afogados 55 pessoas em Brasília, enquanto o Rio, com todos as suas praias, registrou 180 mortes. Mas, em 1980, Brasília ultrapassou o Rio, com 54 afogados contra 30.

Para quem gosta de badalação, as festas e churrascos organizados por políticos, jornalistas, diplomatas e socialites da cidade são ótimas opções. É rara a festa em que não se encontra uma personalidade do poder.

Apesar de tudo isso, há quem ache Brasília chata e tediosa, atribuindo às características da cidade os altos índices de separações e suicídios, 36 em 1982.

As características singulares da capital federal fazem com que as pessoas que chegam experimentem a síndrome conhecida como "5 D": Deslumbramento, Decepção, Desencanto, Divórcio e Demência. Esta última etapa é quando, finalmente, a pessoa assume a cidade e se apaixona por ela.

Raramente os políticos se interessam pela vida "normal" da cidade, ou se integram nela. Se quiserem fazer, entretanto, terão de desvendar por si próprios os mistérios que Brasília também tem.